

A civilização atual e seus “sintomas”

Tornou-se, e torna-se a cada dia mais, extremamente raro encontrar uma sociedade na qual o entretenimento não tenha adquirido absurda importância no cotidiano, ocupando qualquer resquício de espaço que ainda restasse para a antiga cultura intelectualizada, na qual a balança entre a superficialidade da diversão e a busca incessante pela riqueza intelectual sempre pendia para a segunda opção. A essa nova sociedade, ou melhor, a essa nova maneira de viver que prioriza o entretenimento acima de tudo deu-se o nome de “civilização do espetáculo”.

É evidente que essa nova civilização passou a exercer influência nos diversos meios de manifestação da cultura, como o cinema, o teatro, a televisão, a literatura, as artes e a música, transformando quase completamente suas propostas e conceitos. Tudo isso acabou se tornando de certa maneira superficial, a busca por uma interatividade rasa, ou seja, que não necessite de grandes esforços mentais para que o entendimento do que está sendo mostrado ocorra, passou a ser via de regra. Desse modo, as grandes obras literárias, que necessitavam de uma atenção redobrada e um exercício enorme e eficiente do cérebro, foram sendo deixadas para trás, abrindo caminhos para uma literatura mais amena, simples e de fácil compreensão, o mesmo ocorreu com os filmes, com o teatro com a televisão, e é claro, com o jornalismo.

Seguindo os mesmos passos dos demais, o jornalismo precisou se adaptar não só a um novo público, que já não era mais tão acostumado com uma leitura mais profunda e com um vocabulário menos simples, mas também a essa nova posição dada ao entretenimento e a diversão, elevando-os sempre a primeiro plano. Surgiu então, um importantíssimo questionamento: como manter a atenção desse público tomado pelo desejo incessante de se entreter a qualquer custo nas notícias (que já não pareciam mais ser tão interessantes a ponto de competir com uma comédia romântica ou com um dos best-sellers da moda)? Surgiu então o que, lamentavelmente, pretendia ser a solução escolhida para amenizar esse problema: O “sensacionalismo”, que na realidade representa muito mais um equívoco do que de fato uma solução.

Busca-se, através do sensacionalismo, atrair a atenção do público através de notícias que causem comoção, que provoquem horror, que instiguem revolta, medo e aversão sem que levem em consideração os princípios básicos do fazer jornalístico, nos

quais a ética ocupa o lugar mais importante e que deveria ser inalterável. Notícias a respeito da vida pessoal, até mesmo em seu aspecto mais íntimo, de artistas de televisão ou de filmes, de cantores e de outros nomes que estejam ligados a mídia passaram a ser veiculadas como se fossem muito mais importantes do que as notícias de fato relevantes, como uma negligência médica em um hospital. As notícias trágicas tornaram-se ainda mais trágicas com o sensacionalismo, mostra-se muito além do que realmente se faz necessário para que a informação seja fornecida com eficiência. Torna-se então evidente a completa inversão de valores, na qual a sociedade passa a ter um incalculável interesse em assuntos que deveriam ser dispensáveis e que são completamente desprovidos de um verdadeiro conteúdo que possa de fato agregar.

Diante disso, parece quase impossível aos jornalistas conseguir manter o posicionamento ético adequado, já que a sociedade, com princípios completamente alterados, que privilegiam o fútil e o que deveria ser considerado banal, acabou pressionando os meios de comunicação a se adaptarem para que não perdessem de vez o público, o que acabou por afetar a produção realizada pela maioria dos jornalistas, uma vez que a maioria destes trabalham para os meios de comunicação e precisam obedecer às regras ditadas por eles. Entretanto é evidente que as mídias sociais foram infelizes em sua escolha, pois passaram a contrariar princípios básicos de ética, que deveriam continuar sendo primordiais para qualquer produção jornalística. Torna-se claro o quanto essa inversão de valores é prejudicial não só para a sociedade como um todo, que passa a se alimentar de notícias cada vez mais superficiais, mas também para o exercício da profissão jornalística.

Portanto nota-se, sem grandes esforços, que enquanto a civilização do espetáculo for a base da sociedade a população vai continuar se contentando cada vez com menos, e pior, vai continuar achando que está completamente saciada de conhecimento mesmo consumindo somente aquilo que há de mais raso e fútil. Diante disso, o mais plausível parece ser questionar-se: Será que a civilização do espetáculo não seria então a doença da própria civilização?